

Era uma vez... O discurso direto na escrita infantil *Once upon a time... Direct speech in children's writing*

Milena Machado dos Santos Alves Martins*
Universidade Estadual de Maringá

Cristine Carneiro Capristano**
Universidade Estadual de Maringá

Resumo: Embasando-se nas reflexões de Authier Revuz (2004) a respeito da heterogeneidade enunciativa, este estudo propõe uma análise exploratória do discurso direto (DD), destacando a forma como crianças, na aquisição da escrita, representam diferentes vozes em suas narrativas. O objetivo geral é investigar a emergência do DD na escrita infantil. Esse objetivo foi desdobrado nos seguintes objetivos específicos: (i) verificar se a criança usa e se indica graficamente o DD; caso isso ocorra, (ii) investigar como essa marcação é realizada; e, por fim, (iii) identificar eventuais regularidades e potenciais variações no modo como as crianças registram diferentes vozes presentes em seus textos narrativos. O estudo, de caráter interpretativista, adota uma abordagem descritiva que combina métodos qualitativos e quantitativos. São analisados quarenta e cinco textos elaborados por crianças do Ensino Fundamental I, a partir da proposta “Narração de uma história de suspense”. A análise sinaliza que as crianças, nessa etapa da escolarização, tendem a não registrar, por meio do DD, as vozes que permeiam suas narrativas; quando esse registro acontece, a escrita da criança transita entre o uso criativo de marcas não convencionais e a adesão às convenções normativas/prescritivas.

Palavras-chave: Escrita infantil. Discurso direto. Heterogeneidade mostrada. Narrativa.

Abstract: Based on Authier Revuz's (2004) reflections on enunciative heterogeneity, this study proposes an exploratory analysis of direct discourse (DD), highlighting the way in which children, in the acquisition of writing, represent different voices in their narratives. The overall objective is to investigate the emergence of DD in children's writing. This objective was developed into the following specific objectives: (i) to verify whether children use and graphically indicate DD; if so, (ii) to investigate how this marking is performed; and, finally, (iii) to identify possible regularities and variations in the way children register different voices present in their narrative texts. The study, interpretive in nature, adopts a descriptive approach that combines qualitative and quantitative methods. Forty-five texts written by elementary school children are analyzed, based on the proposal: “Narration of a suspense story”. The analysis indicates that children, at this stage of schooling, tend not to register, through DD, the voices that permeate their narratives; when this registration occurs, the child's writing transitions between the creative use of unconventional marks and adherence to normative/prescriptive conventions.

Keywords: Children's writing. Direct speech. Shown heterogeneity. Narrative.

*Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras na área de Estudos Linguísticos, linha de Ensino-aprendizagem de línguas, Universidade Estadual de Maringá, Paraná, Apucarana, PR, Brasil; machadomilena85@gmail.com

**Professora associada, Universidade Estadual de Maringá, Paraná, Maringá, PR, Brasil; cccpristano@uem.br

1 INTRODUÇÃO

A escrita infantil é marcada por instabilidades e por singularidades que a tornam um terreno fértil de pesquisa, sobretudo no campo dos estudos da linguagem. Um dos fenômenos mais fascinantes dessa escrita é a maneira como as crianças incorporam e representam diferentes vozes em suas narrativas, por meio do discurso direto (doravante DD). Esse fenômeno, além de colocar em cena a construção das chamadas competências textuais, mostra também os desafios enfrentados pela criança em sua inserção e em sua circulação no modo de enunciação escrito, temas de interesse para todos os profissionais que lidam com o ensino e com a aprendizagem da escrita.

Para compreender melhor a emergência e o funcionamento do DD na escrita da criança, esta pesquisa, de caráter exploratório, ampara-se no conceito de ‘heterogeneidade enunciativa’, proposto e amplamente discutido por Authier-Revuz (2004) e aqui tomado como eixo fundamental para descrever e para buscar explicar como as crianças constroem sentidos ao incluir diferentes vozes em seus textos. Authier-Revuz (2004) é uma referência importante no domínio dos estudos linguísticos, enunciativos e discursivos, sendo reconhecida pela elaboração do já mencionado conceito de ‘heterogeneidade enunciativa’, que é apresentado pela autora como tendo duas dimensões distintas: a ‘heterogeneidade mostrada’, que pode ser marcada ou não, e a ‘heterogeneidade constitutiva’.

Uma análise não exaustiva do repositório de teses e de dissertações da CAPES demonstra que os estudos sobre heterogeneidade enunciativa, sobretudo os voltados para o campo do ensino e da aprendizagem, em sua maioria, concentram-se no exame de gêneros discursivos como resenhas acadêmicas e redações escolares, ambos em níveis mais avançados do processo de escolarização (Ensino Fundamental II, Ensino Médio ou Superior). Nota-se, por exemplo, que, com a busca da palavra-chave ‘heterogeneidade mostrada’¹, não aparecem pesquisas voltadas para o campo da escrita infantil, mas apenas pesquisas como: ‘Formas de heterogeneidade mostrada não convencionais na constituição da escrita de estudantes universitários’ (Capristano; Metz, 2022) e a ‘Heterogeneidade em narrativas escolares: sentidos que se controle nas diferenças e nos desvios’ (Borges Gutierre, 2005). Ao utilizar a palavra-chave ‘discurso direto’, uma única pesquisa pôde ser identificada: ‘Discurso direto e hipossegmentação na aquisição da escrita’ (Ticianel, 2016), que, embora aborde o DD, volta-se, em especial, para o exame das ‘hipossegmentações’, registros não convencionais de palavras como “acasamarela” em vez de ‘a casa amarela’. O mesmo cenário se repete quando a busca se volta para pesquisas sobre o ‘discurso reportado’, considerando a escrita da criança².

Diante desse cenário de escassez de pesquisas, parece essencial aprofundar o olhar sobre a forma como a inserção de diferentes vozes emerge nos textos produzidos pelas crianças. Estudos nessa direção certamente poderão fornecer subsídios que possam enriquecer a compreensão da escrita infantil e, por conseguinte, as políticas públicas e as

¹ A busca no repositório da Capes com a palavra-chave ‘heterogeneidade mostrada’ permitiu a identificação de trinta e uma pesquisas com essa palavra no título e nenhuma referente à escrita infantil.

² Após busca no repositório da Capes com as palavras-chave ‘discurso reportado’, ‘criança e escrita’ foram identificados apenas 6 trabalhos, como o trabalho intitulado: “Formas do discurso reportado em narrativas ficcionais escritas por alunos brasileiros e franceses”.

práticas pedagógicas voltadas para o ensino e para a aprendizagem da escrita.

No presente estudo, busca-se analisar o uso do DD em produções textuais elaboradas por crianças que cursavam a 4ª série do Ensino Fundamental I (EF-I), a partir da proposta: “Narração de uma história de suspense”. Uma vez definido o objeto de investigação e o objetivo deste estudo, delineiam-se os seguintes objetivos específicos:

- a. verificar se a criança indica graficamente o DD; caso isso ocorra,
- b. investigar como essa marcação é realizada; e, por fim,
- c. identificar eventuais regularidades e potenciais variações na forma como as crianças registram as diferentes vozes presentes em seus textos narrativos.

Ao analisar esse fenômeno sob a ótica da heterogeneidade enunciativa, à luz das contribuições de Authier-Revuz (2004), busca-se não apenas descrever os modos como as crianças introduzem diferentes vozes em seus textos, mas também compreender como as crianças transitam pelas práticas de letramento. A análise do material coletado permitirá reflexões sobre a relação entre as práticas faladas e as práticas escritas, bem como os modos de apropriação, pela criança, das convenções gráficas e normativas para o registro do DD. A adoção de uma perspectiva interpretativista, conforme, por exemplo, as reflexões de Moita Lopes (2019), por sua vez, permitem a este estudo propor um olhar mais sensível para a escrita infantil, enxergando-a não apenas como um efeito da norma, mas como um espaço dinâmico de experimentação e de construção de conhecimentos.

Com a exploração da emergência e do funcionamento do DD na produção textual de crianças do EF-I, esta investigação pretende contribuir para a ampliação dos estudos sobre a escrita da criança, fornecendo elementos teóricos e metodológicos que possam inspirar novas pesquisas. Além disso, a pesquisa permitirá compreender melhor as especificidades da escrita infantil e, com isso, oferecer suporte para práticas pedagógicas mais eficazes, que respeitem a diversidade linguística, enunciativa e discursiva da escrita infantil e incentivem a expressão criativa das crianças. Não se pode negar que a investigação proposta tem potencial aplicabilidade no campo educacional, uma vez que entender como o DD é marcado ou não por diferentes recursos (convencionais ou não) nas produções textuais pode auxiliar na formulação de políticas educacionais e práticas pedagógicas voltadas para o ensino da escrita.

Outro aspecto que justifica a realização desta pesquisa está na necessidade de ampliação dos estudos sobre a heterogeneidade enunciativa na escrita infantil. Como mencionado, embora esse fenômeno tenha sido estudado, ainda há um vácuo investigativo no que tange à forma como ele se manifesta na escrita inicial. Esta pesquisa pode, assim, contribuir para o avanço teórico da área, buscando ampliar as discussões sobre o modo como a heterogeneidade enunciativa, fenômeno constitutivo da linguagem e, conseqüentemente, das línguas naturais, se presentifica e funciona na escrita infantil.

Neste estudo exploratório, parte-se da hipótese de que, por estar imersa em práticas de letramento, podemos ver, na escrita da criança, tanto registros convencionais quanto registros não convencionais do DD. Os registros não convencionais, por sua vez, podem se manifestar por meio da ausência de marcas formais, de alterações na grafia, de mudanças no espaçamento entre palavras, ou, até mesmo, de uma disposição distinta do registro das vozes no interior do texto. Assim, ainda que a escrita infantil nem sempre

FLP 27(1)

siga padrões normativos, supomos que é possível identificar regularidades e tendências no modo como as crianças incorporam e registram as diferentes vozes presentes em seus textos narrativos.

Para desenvolver a reflexão aqui proposta, este artigo se estrutura da seguinte forma: na próxima seção, discutimos a base teórica da pesquisa, dedicando particular atenção à construção heterogênea do texto; depois, apresentamos o material de análise e a metodologia escolhida para o desenvolvimento da pesquisa; na sequência, analisamos o DD nos textos produzidos pelas crianças; por fim, delineamos alguns apontamentos conclusivos sobre os aspectos levantados e discutidos no decorrer do artigo.

2 A CONSTRUÇÃO HETEROGÊNEA DO TEXTO

No contexto da produção textual escrita infantil, a heterogeneidade enunciativa e, em particular, a heterogeneidade mostrada, podem se manifestar, dentre outras formas, na maneira como a criança organiza sua escrita e no modo como, nessa organização, representa diferentes vozes, em particular, por meio do DD.

Como antecipado, a heterogeneidade enunciativa pode ser compreendida a partir de duas dimensões principais: a heterogeneidade **mostrada** e a heterogeneidade **constitutiva**. A primeira refere-se às marcas explícitas (visíveis e detectáveis por meio de recursos formais) da presença de outras vozes no discurso, como o uso do DD, aspas, travessões e verbos *dicendi*³, que indicam a inserção de uma outra voz (de um outro dizer) no dizer de um sujeito. Portanto, trata-se das diversas formas pelas quais a alteridade discursiva é explicitamente sinalizada na superfície linguística de um enunciado. A heterogeneidade mostrada é, também, uma forma de o sujeito negociar (por denegação⁴) com a heterogeneidade constitutiva do seu dizer e se posicionar em relação ao inevitável atravessamento de seu dizer por outras vozes. Ou seja, ao delimitar, de forma explícita, a presença de vozes em seu dizer, o sujeito demarca o seu próprio dizer em relação a essas outras vozes, criando um efeito de separação entre o “eu” e o “outro”. Essa delimitação pode ter diferentes propósitos, como, por exemplo, reforçar um argumento

FLP 27(1)

³Os verbos *dicendi*, também conhecidos como verbos de elocução ou verbos declarativos, são verbos utilizados para introduzir ou acompanhar as vozes de personagens no DD ou para fazer referência à maneira como alguém se expressa. A palavra ‘*dicendi*’ vem do latim e significa “de dizer”.

⁴A denegação (Freud, 1925/2006, p. 235), ou “*Verneinung*”, é conceito psicanalítico que busca descrever e explicar o complexo mecanismo pelo qual um sujeito reconhece a existência de um conteúdo (um pensamento, um desejo ou uma representação), ao mesmo tempo em que o repudia. Em outras palavras, trata-se de um processo inconsciente que permite a um conteúdo, cuja admissão direta seria insuportável ou geraria angústia, vir à tona sob a forma de uma negação explícita. Para Freud, “a negação de algo no juízo é apenas um substituto para a repressão” (1925/2006, p. 236), indicando que, ao ser negado, o conteúdo, de fato, é afirmado em sua latência inconsciente. Jacques Lacan (1966/1998), ao retomar a “*Verneinung*”, a aproxima da função simbólica e da relação do sujeito com o Outro, sugerindo que a denegação articula a possibilidade de o inconsciente se manifestar no campo da linguagem precisamente por meio de sua negação, o que remete à capacidade do sujeito de simbolizar aquilo que é inicialmente recusado. Authier-Revuz (1990), ao revisitar a denegação freudiana e a leitura que Lacan faz dela, a insere de forma central em sua teoria das heterogeneidades enunciativas, particularmente na distinção que propõe entre heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva. Para a linguista, em linhas bem gerais, a denegação é um mecanismo privilegiado para apreensão da heterogeneidade mostrada, uma vez que marca linguisticamente a presença de um “discurso outro” ou de uma voz alheia no dizer de um sujeito.

com a autoridade de uma outra voz, tomar distância de uma afirmação, explicitar uma referência ou simplesmente relatar a voz ou fala de alguém, como é o caso do DD nas narrativas ficcionais.

A heterogeneidade constitutiva, conceito inspirado no dialogismo de Bakhtin (2011), é condição fundamental de todo dizer, uma vez que, para Authier-Revuz (2004), todo dizer é intrinsecamente atravessado por “outras palavras”, por outros discursos, mesmo que não sejam observadas marcas linguísticas explícitas dessa presença. Dito de outro modo: a heterogeneidade constitutiva diz respeito ao fato de nenhum dizer ser uma produção original, única e isolada. Na verdade, cada enunciado se constrói sobre um fundo de dizeres e de discursos preexistentes, de saberes compartilhados, da memória discursiva e do interdiscurso – este último entendido como o conjunto de todos os discursos que circulam em uma dada formação social (cf. Pêcheux, 1975). Considerar a heterogeneidade constitutiva como princípio organizador de toda a linguagem significa, dentre outras coisas, que, mesmo quando uma criança escreve um texto “sozinha”, em seu texto serão mobilizadas referências discursivas que já circulam em seu universo discursivo, provenientes de sua inserção em práticas orais e letradas, como, por exemplo, seu contato com a leitura de histórias ou com as narrativas orais de adultos e de colegas.

Para delimitar as noções de heterogeneidade constitutiva e mostrada e, no interior desta última, delimitar o funcionamento do DD, Authier-Revuz (2004) procura apoiar-se em abordagens consideradas por ela como ‘não linguísticas’, como as do filósofo russo Bakhtin e seu Círculo, que tratam sobre os diferentes tipos de discurso citado. Nesse contexto, Volochínov (2018, p. 249), integrante do Círculo, afirma que o “O discurso alheio é o discurso dentro do discurso, o enunciado dentro do enunciado, mas ao mesmo tempo é também o discurso sobre o discurso, o enunciado sobre o enunciado” (Volochínov, 2018, p. 249, grifos do autor)⁵. Esse autor ainda afirma que, quando um enunciador opta por inserir a voz de outro sem transformá-la estruturalmente (por meio, portanto, do DD), ele mantém a integridade da voz reportada, reforçando a diversidade de perspectivas dentro do enunciado.

O DD, descrito por teóricos como Bakhtin (2006) e Authier-Revuz (2004), caracteriza-se pela inserção literal de uma voz dentro do dizer de um autor (sujeito, locutor) e, no nosso caso, no interior de uma narrativa escrita, ficcional. Ele é usualmente marcado por recursos gráficos e sintáticos específicos, como travessões, aspas e verbos *dicendi*. Entretanto, quando observamos a escrita infantil, é possível verificar que essa escrita nem sempre está em consonância plena com esses padrões formais.

Como destacado por Ticianel (2016), as crianças com frequência recorrem a estratégias próprias para sinalizar a presença de outras vozes em seu texto, seja por meio da variação na grafia, do uso de cores diferentes ou da disposição espacial diferenciada de palavras. Essas escolhas, longe de serem meros desvios, representam um esforço discursivo genuíno, muitas vezes inconsciente, para organizar e distinguir diferentes vozes em sua escrita.

No que se refere à construção de sentidos na escrita infantil, a heterogeneidade

⁵Durante muitos anos, a obra “Marxismo e filosofia da linguagem” foi atribuída a Mikhail Bakhtin, mas estudos mais recentes reconhecem a autoria de Valentin Volochínov, também membro do Círculo de Bakhtin.

enunciativa desempenha um papel essencial. Ao inserir diferentes vozes em seu texto, a criança dialoga inconscientemente com múltiplas perspectivas que atravessa seus enunciados escritos. Esse fenômeno se mostra, em particular, em gêneros discursivos como as narrativas e os relatos, nos quais o DD surge como um recurso para dar vida aos personagens e tornar o texto mais expressivo. A ausência de uma marcação formal rígida não significa que a criança desconhece o funcionamento do DD, mas sim que ela está experimentando maneiras próprias de expressar a alternância de vozes em seus enunciados.

A partir dessa perspectiva, torna-se fundamental que as práticas pedagógicas voltadas ao ensino da escrita considerem a heterogeneidade enunciativa não como um obstáculo, mas como um elemento que pode ser trabalhado de forma produtiva em sala de aula. Como destaca Geraldi (2011), a escrita, no cotidiano escolar, pode ser concebida como um espaço de interação e de construção conjunta do conhecimento, no qual os alunos possam explorar diferentes possibilidades discursivas. Reconhecer a importância da heterogeneidade enunciativa pode permitir valorizar as produções textuais infantis não apenas pelo seu grau de conformidade com a norma, mas também por sua riqueza expressiva e criativa. Essa é a aposta da presente pesquisa.

Na sequência, será apresentada uma descrição da metodologia adotada para a coleta e análise dos dados. A partir disso, serão delineados os critérios e as ferramentas empregadas na análise do corpus, com especial atenção à identificação e à organização das ocorrências de DD nas produções escritas das crianças.

3 MATERIAL E METODOLOGIA

O material a partir do qual construímos o *corpus* deste estudo exploratório faz parte de um acervo de produções textuais pertencentes aos Grupos de Pesquisa (CNPQ) “GPEL - Grupo de Estudos sobre a Linguagem” e “GPLEC - Grupo de Pesquisa Leitura e Escrita da Criança”⁶. Para a realização deste estudo, são analisados textos elaborados por crianças do Ensino Fundamental I. Esses textos foram coletados em duas escolas públicas municipais de São José do Rio Preto (SP). Optamos pela escolha de quarenta e cinco produções textuais, elaboradas por crianças que, na época da construção do acervo, cursavam a 4ª série do Ensino Fundamental. Essas produções textuais foram feitas a partir da proposta nomeada no acervo como “Narração de uma história de suspense”, na qual se solicitava que as crianças criassem uma história com um final surpreendente.

Para investigar a emergência do DD na escrita infantil (nosso objetivo geral), adotamos uma abordagem qualitativa e quantitativa-descritiva, alicerçada no paradigma interpretativista. De acordo com Moita Lopes (2019), no paradigma interpretativista, o conhecimento se forma a partir das experiências vividas e das interações sociais, buscando entender de que maneira os sujeitos, no nosso caso, as crianças, produzem e conferem significado à (sua) escrita. Ainda segundo o autor, “na visão interpretativista,

⁶O acervo em questão, de natureza privada, é utilizado em pesquisas de diversos níveis por membros dos referidos grupos de pesquisa. Este acervo é composto por produções textuais infantis originadas de contextos escolares diversos. A coleta dos textos aqui analisados, realizada entre 2001 e 2004, seguiu os princípios éticos vigentes, embora tenha sido anterior à obrigatoriedade de aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

os múltiplos significados que constituem as realidades só são passíveis de interpretação. É o fator qualitativo, *i.e.*, o particular que interessa”. (Moita Lopes, 2019, p. 332). Ao utilizar essa base epistemológica, o estudo permite uma abordagem mais abrangente e sensível às nuances das produções infantis, contribuindo para uma compreensão mais aprofundada da aquisição escrita. Assim, a pesquisa não se limita a identificar padrões formais, mas busca interpretar a escrita infantil, respeitando sua diversidade linguística, enunciativa e discursiva e suas formas particulares de expressão.

Dentro desse escopo interpretativista, a pesquisa volta-se para a análise qualitativa das produções textuais infantis, destacando como nelas emerge o DD. Os dados quantitativo-descritivos, por sua vez, serão empregados de maneira complementar, para descrever a frequência e a variação das aparições do DD nos textos, na busca por mapear e por caracterizar o uso do DD na escrita de crianças e oferecer uma perspectiva abrangente sobre o fenômeno em questão.

Nossas análises também têm como base o Paradigma Indiciário (PI), delineado pelo historiador Carlo Ginzburg (1989), no interior dos debates sobre micro-história italiana. Trata-se de um modelo de conhecimento baseado na interpretação de sinais, vestígios e indícios. Ginzburg (1989) destaca que esse paradigma é especialmente eficaz na análise de dados singulares, ou seja, eventos únicos, não repetíveis, carregados de particularidades. Diferente do método científico tradicional, nesse paradigma, se valorizam os detalhes, até aqueles que parecem pouco importantes, e se considera fundamental uma atenção sensível às contradições, às diferenças e às particularidades de cada dado/caso.

Esse paradigma tem guiado pesquisas no campo dos estudos sobre a escrita infantil, como os desenvolvidos por Abaurre, Fiad e Mayrink-Sabinson (1997). A hipótese dessas e de outros pesquisadores, assim como a nossa, é a de que o olhar indiciário para as produções escritas infantis propicia uma melhor compreensão do modo como a escrita da criança funciona, bem como do modo como a relação criança/escrita vai sendo paulatinamente construída. O PI, nesse sentido, oferece um método sistemático para estudar a escrita infantil, permitindo uma análise descritiva ancorada na materialidade das produções escritas infantis, por meio da qual se pode reconstituir os processos de apropriação da escrita. A investigação de vestígios muitas vezes negligenciados – rasuras, variações gráficas, por exemplo, – tem potencial para dar visibilidade para a natureza processual, contingente e culturalmente mediada da escrita da criança. Ao tratar cada produção escrita infantil como um artefato histórico carregado de significados, a investigação calcada no PI abre caminho para uma compreensão contextualizada dos modos como as crianças se apropriam da escrita, sem reduzir a análise a categorias rígidas.

Tendo como base a perspectiva metodológica acima detalhada, para cumprir o objetivo geral de investigar a emergência do DD na escrita infantil, propomos, como antecipado, os seguintes objetivos específicos:

- a. verificar se a criança usa e se indica graficamente o DD; caso isso ocorra,
- b. investigar como essa marcação é realizada; e, por fim,
- c. identificar eventuais regularidades e potenciais variações no modo como as crianças

registram as diferentes vozes presentes em seus textos narrativos.

Para cumprir o objetivo específico em (a), primeiramente fizemos uma leitura cuidadosa de cada um dos 45 enunciados selecionados, identificando neles, qualitativamente, os momentos em que as crianças utilizavam o DD. Depois, a fim de alcançarmos o objetivo específico em (b), organizamos os dados considerando o modo como o DD se presentificava na escrita da criança, ou seja, se os dados emergiam de forma convencional, com o uso de aspas ou de travessão, com a presença ou não de verbos *dicendi* (antes ou depois da voz representada), ou com o uso de outros modos, como variação na grafia, uso de cores diferentes ou disposição espacial diferenciada de palavras. Por fim, para cumprir o objetivo específico em (c), organizamos os dados em funcionamentos que consideramos mais gerais, a fim de demonstrar a emergência de regularidades e a presença de variações no modo como as crianças registravam as diferentes vozes presentes em seus textos narrativos. Nesse processo, definimos três funcionamentos principais: (i) convencional, quando a escrita empregava sinais reconhecidos pelas regras da escrita, como travessão, dois pontos ou verbos *dicendi*, usados juntos; (ii) parcialmente convencional, quando apenas um desses sinais era usado de forma separada, como o travessão sem os dois pontos ou vice-versa; e (iii) não convencional, quando vozes eram marcadas por estratégias gráficas peculiares.

Em seguida, serão apresentados de forma sucinta os principais resultados da análise realizada, destacando-se os pontos importantes que emergiram dos dados e que contribuem para a compreensão do fenômeno investigado à luz dos referenciais teóricos adotados.

4 A EMERGÊNCIA E O FUNCIONAMENTO DO DISCURSO DIRETO NA ESCRITA INFANTIL

FLP 27(1)

Para verificar se o DD aparecia nas produções infantis, como mencionado, realizamos uma leitura cuidadosa e sistemática dos textos narrativos escritos pelas crianças, separamos e quantificamos os textos que continham ou não marcas do DD. Para isso, consideramos tanto os sinais gráficos tradicionais ensinados na escola, como travessões, aspas e dois-pontos, quanto estratégias menos convencionais como o uso de recursos gráficos ou letras em grafias diferentes. Constatamos que o DD aparece em 17 textos, o que corresponde a 37,85% do total dos textos analisados. Os demais 28 textos (62,2%) não apresentam marcas desse tipo de construção. Os dados estão organizados na Tabela 1:

Tabela 1 – Frequência do uso do DD nas produções analisadas

Uso do DD	Número de textos	Porcentagem
Sim	17	37,8%
Não	28	62,2%
Total	45	100%

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Depois de identificar os textos em que o DD estava presente, passamos para a próxima etapa, na qual buscamos entender como esse recurso era sinalizado graficamente, consoante ao proposto pelo nosso segundo objetivo. Pudemos verificar que o DD é

representado na escrita infantil por meio de:

- i. uso de travessão;
- ii. uso de dois pontos;
- iii. uso de aspas;
- iv. presença de verbos que indicam vozes, como ‘disse’, ‘gritou’ ou ‘perguntou’;
- v. início da voz em uma nova linha; e
- vi. marcas peculiares, não convencionais, nas quais se incluem a ausência de sinalização gráfica.

Esses recursos ora são usados de forma isolada, ora são usados de forma concomitante.

Em seguida, em concordância com o nosso terceiro objetivo específico, observamos tanto o uso de marcas tradicionais quanto a presença de estratégias alternativas ou não convencionais de registro do DD. Para apresentar melhor essa análise, organizamos os nossos achados em função do tipo de marcação utilizada para registrar o DD. Nesse processo, como já antecipado, pudemos sugerir a existência de três funcionamentos: (i) convencional, quando emergiam na escrita recursos reconhecidos como convencionais para o registro gráfico do DD, como travessão, dois pontos, verbos *dicendi*; (ii) parcialmente convencional, quando apenas um desses recursos era usado de forma isolada, como o travessão sem os dois pontos ou vice-versa; e (iii) não convencional, quando a marcação das vozes não era feita ou era feita por meio de estratégias gráficas que interpretamos como peculiares⁷. A Tabela 2 apresenta a síntese dessa organização:

FLP 27(1)

⁷As convenções gramaticais normativas/prescritivas, em geral, estabelecem o uso predominante do travessão (—) para demarcar as vozes dos personagens em diálogos, iniciando cada nova enunciação em um parágrafo distinto. Alternativamente, as aspas (“”) são empregadas para citações mais curtas, inseridas no fluxo narrativo ou para realçar vozes específicas. A introdução da voz das personagens é tipicamente precedida por dois pontos (:) após o verbo *dicendi*, e a pontuação interna do DD (como interrogação, exclamação ou ponto final) deve anteceder o fechamento do travessão ou das aspas. Quando o verbo *dicendi* se segue à voz representada, a pontuação interna deve preceder o travessão ou as aspas de fechamento. Contudo, é fundamental reconhecer que, sobretudo nas práticas literárias, essas normas gráficas podem ser altamente flexibilizadas ou subvertidas em nome da busca por efeitos de sentido ou efeitos estilísticos específicos, permitindo aos autores explorarem o potencial expressivo da linguagem para além da rigidez gramatical. Nesta pesquisa, para propor uma organização para os nossos dados, partimos das convenções gramaticais normativas e prescritivas, sem, no entanto, considerar essas convenções como correspondendo aos usos reais e autênticos feitos por diferentes sujeitos em diferentes práticas sociais. Essa escolha metodológica liga-se ao fato de pressupormos que as convenções das gramáticas normativas e prescritivas circulam no ambiente escolar e determinam fortemente, embora não de forma exclusiva, os modos de escrever das crianças.

Tabela 2 – Classificação da marcação do DD nas produções analisadas

Tipo de registro	Característica	Total
Convencional	Registro combinado de dois pontos, travessão e mudança de linha	8 (47,1%)
Parcialmente Convencional	Registro isolado de travessão ou apenas dois pontos	4 (23,5%)
Não Convencional	Registro do DD com letra maiúscula Registro do DD com mudança de cor Registro do DD com marcas gráficas idiossincráticas Sem registro	5 (29,4%)
Total		17 (100%)

Fonte: Elaborado pelas autoras.

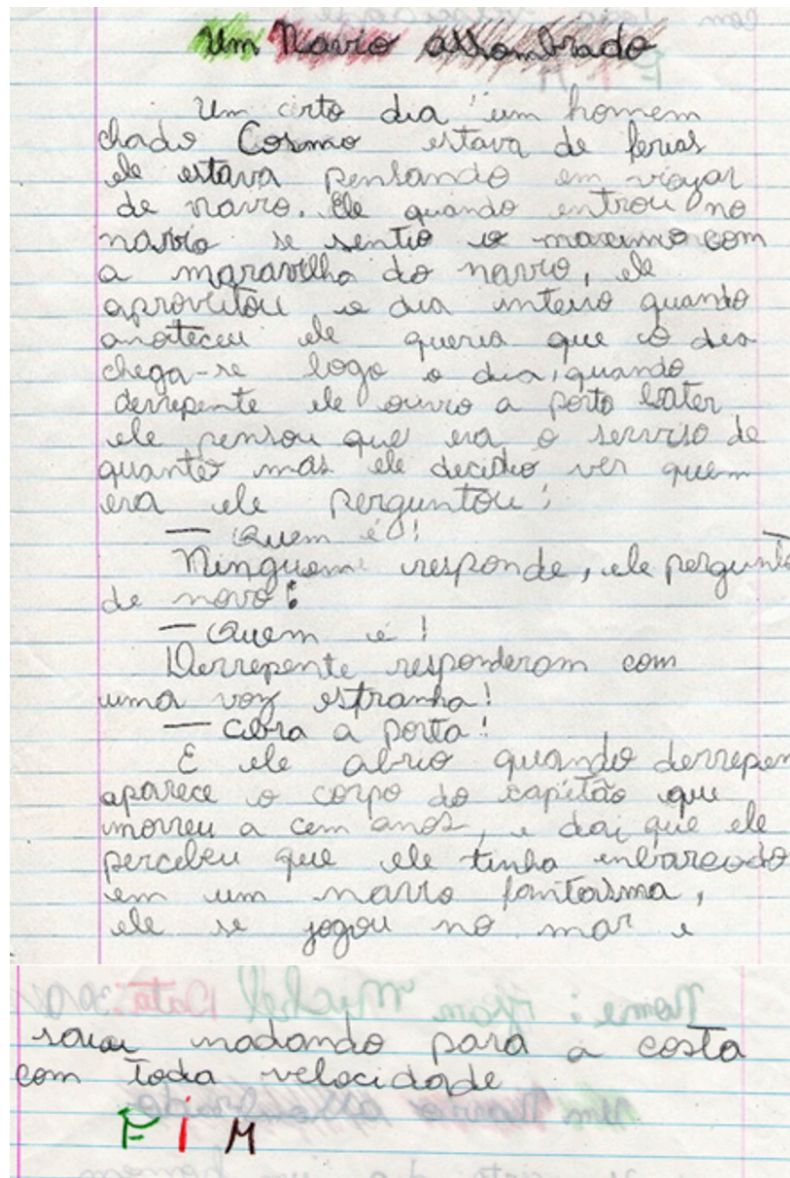
Os dados indicam que 47,1% das produções utilizam marcas convencionais, ou seja, o travessão em conjunto com os dois pontos para introduzir o DD, de acordo com o que é ensinado, em geral, como padrão para a produção escrita das crianças. Os outros 23,5% foram classificados como parcialmente convencionais, pois apresentam apenas um dos elementos, travessão ou os dois pontos, de forma separada. Os demais casos analisados (29,4%) mostram formas não convencionais de marcar o DD. Embora essas produções indiquem alguma familiaridade com as normas, elas sinalizam um uso que pode ser considerado criativo dos recursos gráficos convencionais.

Dentro dos recursos não convencionais, observou-se que se manifestam na escrita diversas variações para indicar outras vozes, como letras maiores ou em caixa alta para destacar, o outro, ou mudam a cor da caneta ou separam visualmente a voz do personagem (e o seu dizer) sem usar sinais tradicionais. O uso de aspas, embora previsto como recurso tradicional para marcar o DD, foi pouco frequente e apareceu de forma isolada, sem regularidade gráfica ou funcional. Essas observações iniciais permitem afirmar que a escrita da criança transita entre o uso criativo de marcas não convencionais e a adesão às convenções normativas/prescritivas.

Em seguida, apresentaremos os textos mais representativos de cada um dos funcionamentos que identificamos, com particular atenção para os casos não convencionais, em razão de sua singularidade, a fim de ilustrar como o DD se manifesta de forma concreta nas produções infantis. A atenção especial aos dados não convencionais vincula-se à opção metodológica desta pesquisa de dar visibilidade para a natureza processual, contingente e culturalmente mediada da escrita da criança. Esses dados, longe de serem meros equívocos, são aqui tidos como indícios privilegiados para compreender os modos pelos quais a criança se apropria criativa e dinamicamente da escrita.

O primeiro texto analisado corresponde ao funcionamento que nomeamos como ‘convencional’, no qual se vê manifestar o uso sistemático de elementos previstos pelas convenções gramaticais normativas/prescritivas, como travessões, aspas e verbos *dicendi*, para marcar a voz das personagens e estruturar o diálogo dentro da narrativa. Nesses textos, podemos graficamente visualizar uma variedade de vozes dentro do texto da criança e a atuação da alteridade discursiva sinalizada na superfície linguística do enunciado infantil.

Figura 1 – Produção textual aluno A



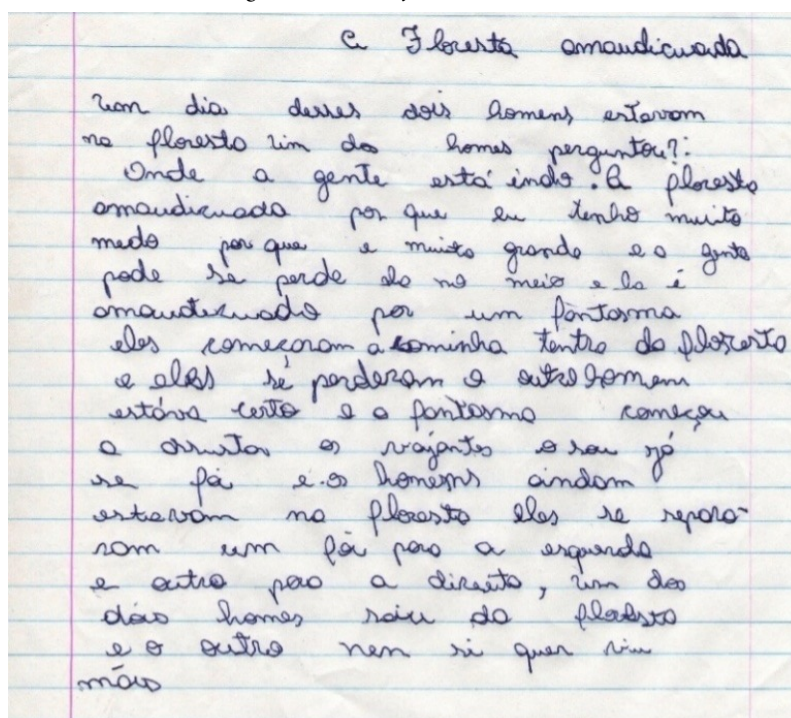
Fonte: Acervo de produções textuais dos Grupos de Pesquisa (CNPQ) “GPEL - Grupo de Estudos sobre a Linguagem” e “GPLEC - Grupo de Pesquisa Leitura e Escrita da Criança”.

A produção textual intitulada “Um navio assombrado” conta a aventura de um homem chamado Cosmo que, durante suas férias, embarca em um navio e desfruta de um passeio até que, à noite, escuta batidas misteriosas na porta da sua cabine. Ao abrir a porta, encontra o corpo de um capitão morto há cem anos. Com esse mote, a criança leva a sua narrativa a um clima de suspense e de fantasia. Na narrativa, o uso do travessão (recurso convencional) aparece três vezes para introduzir falas e a tentativa de marcar a alternância entre os personagens. Esse recurso aparece no trecho: “— Quem é?”, repetido duas vezes e em “— Abra a porta” e, com ele, o personagem principal interage com vozes externas (aparentemente sobrenaturais), contribuindo para a construção de efeito de suspense e de mistério da história. A partir da noção de heterogeneidade mostrada, conforme definido por Authier-Revuz (2004, p.12), podemos ver funcionar

o DD: as palavras do outro (personagem sobrenatural) ocupam o tempo e o espaço claramente recortado na narrativa. Ao marcar as falas, com recursos convencionais, como o travessão, o narrador se ausenta momentaneamente, abrindo espaço para que o “outro” (neste caso, a voz misteriosa) se manifeste na narrativa⁸.

Um funcionamento também recorrente no *corpus* analisado refere-se ao que nomeamos como “parcialmente convencionais”. Trata-se, como antecipamos, de registros que se aproximam das convenções normativas/prescritivas, mas sem repeti-las integralmente. Nesses textos, vê-se apenas ora o uso do travessão, ora o uso dos dois-pontos como sinalização formal, como no texto abaixo, intitulado “A floresta amaldiçoada”:

Figura 2 – Produção textual aluno B



Fonte: Acervo de produções textuais dos Grupos de Pesquisa (CNPQ) “GPFL - Grupo de Estudos sobre a Linguagem” e “GPLEC - Grupo de Pesquisa Leitura e Escrita da Criança”.

A narrativa conta a aventura de dois homens que resolvem entrar numa floresta, conhecida por ser enorme, perigosa e por ter a presença de um espírito assustador. No caminho, eles se perdem, acabam se separando e, no final, apenas um deles consegue sair da floresta. Ao longo do texto, identifica-se as marcas do DD por meio do uso de dois pontos e do verbo *dicendi* “perguntou”, no trecho: “um dos homens perguntou?: onde a gente está indo.”, marcando a introdução de uma fala direta. Após a inserção de um

⁸Nesse texto, observa-se que existem também trechos com o uso do discurso indireto, em momentos de narração interna, como pensamentos, percepções e decisões do personagem, como nos trechos “ele pensou que era o serviço de quarto”, “ele decidiu ver quem era”, “ele percebeu que tinha embarcado em um navio fantasma”. Essas marcas reforçam a alternância de vozes presentes no decorrer da narrativa. Como ressalta Authier-Revuz (2004, p. 12), no discurso indireto “o locutor se comporta como tradutor: fazendo uso de suas próprias palavras, ele remete a um outro como fonte do sentido dos propósitos que ele relata”. No uso do discurso indireto, o narrador ainda ocupa posição central na organização da narrativa, mediando a voz do outro por meio de sua própria voz.

ponto final na linha 4 (...indo.)⁹, o texto segue com enunciados que mantêm coerência temática e organizacional de uma ou mais falas, embora essas eventuais **falas** não sejam sinalizadas graficamente pela criança “(...) a floresta amaudicuada por que eu tenho muito medo por que e muito grande e a gente pode se perde la no meio e la é amaudisuada por um fantasma”.

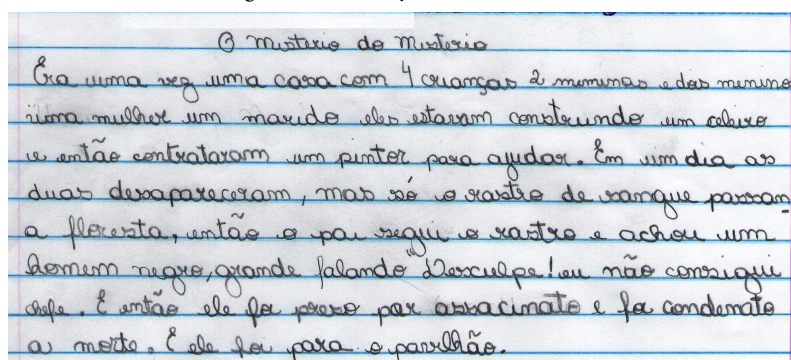
A continuidade frasal e o conteúdo emocional (como o medo, a descrição da floresta e o risco de se perder) nos permitem ler essa passagem como composta por **vozes**, ou seja, elementos que representam a fala dos personagens. No entanto, não é possível determinar se esses enunciados correspondem à fala de apenas um personagem (um dos “homens”) ou se há alternância de vozes entre os dois homens mencionados no início do texto¹⁰. A emergência de recursos gráficos (dois pontos) e lexicais (uso do verbo *dicendi*) para introduzir a fala indica que a escrita já se encontra atravessada por convenções normativas associadas ao letramento escolar.

No entanto, o uso desses recursos não é plenamente sistematizado, nem aplicado de modo uniforme ao longo do texto. Observa-se uma apropriação parcial e singular das convenções do DD, o que mostra um processo de construção da escrita marcado pela experimentação com o gênero narrativo e com as normas da escrita vinculadas à delimitação gráfica do DD. A emergência dessas marcas enunciativas (dois pontos e verbo *dicendi*), de forma apenas parcialmente convencional, permite identificar o funcionamento da heterogeneidade que aparece marcada, nos termos de Authier-Revuz (2004), que se manifesta quando o sujeito enunciador insere outras vozes em seu dizer.

Ainda no âmbito das formas parcialmente convencionais, identificamos, em nosso estudo, um funcionamento caracterizado pelo uso parcial de aspas. Embora as aspas sejam, em si, um recurso convencional de marcação do DD, a análise dos textos mostrou que seu uso é menos recorrente entre as crianças. No exemplo analisado abaixo, a escrita mobiliza apenas parcialmente esse sinal gráfico, aliado ao verbo *dicendi* “falar”, para indicar a presença de vozes alheias.

FLP 27(1)

Figura 3 – Produção textual aluno C



Fonte: Acervo de produções textuais dos Grupos de Pesquisa (CNPQ) “GPEL - Grupo de Estudos sobre a Linguagem” e “GPLEC - Grupo de Pesquisa Leitura e Escrita da Criança”.

⁹As linhas referidas nesse comentário foram contadas incluindo o título como primeira linha e considerando as linhas em branco e as linhas nas quais foram feitos registros escritos.

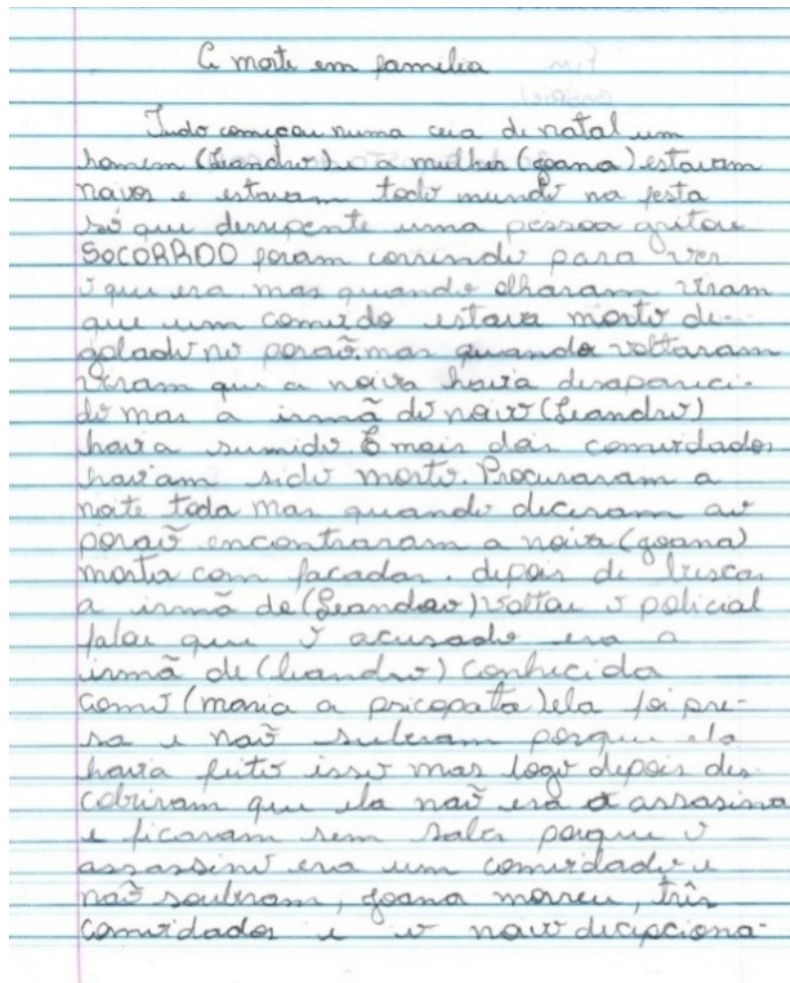
¹⁰O trecho, se convencionalmente estruturado, poderia ser lido da seguinte forma: “(...) – A floresta amaldiçoada. – Por quê? – Porque eu tenho medo! – Por quê? – É muito grande e a gente pode se perder lá no meio. Ela é amaldiçoada por um fantasma”.

O texto “O Mistério do Mistério” narra o desaparecimento de duas crianças em uma floresta e a investigação conduzida pelo pai delas, que encontra um homem suspeito que, depois, é condenado à morte. No desenvolvimento da narrativa, nota-se uma tentativa de inserção de outra voz, além da do narrador, no trecho: “achou um homem negro grande falando ‘Desculpe! Eu não consigo chefe’”. Ainda que haja o uso de aspas, este ocorre de forma não convencional, pois a marcação aparece apenas no início da fala, sem ser encerrada adequadamente. Além disso, ao final da enunciação do personagem, em vez do fechamento com aspas ou travessão, o que se encontra é um ponto final. Todo esse trecho indica a constituição de uma voz atribuída ao personagem, uma enunciação distinta da do narrador e, embora não esteja formalmente destacada, a presença do verbo *dicendi* “falando” funciona como um marcador de alteridade, indicando a introdução de uma voz alheia. Assim, o texto apresenta indícios de heterogeneidade mostrada, conforme conceituado por Authier-Revuz (2004), ao mostrar que o dizer do narrador é atravessado por outras vozes. A tentativa de incorporar a fala de um dos personagens indica a presença de um **outro** no discurso, ainda que não esteja marcado pelas convenções gráficas da escrita escolar.

Outro funcionamento que identificamos em nosso *corpus*, menos recorrente, diz respeito ao que nomeamos como funcionamentos **não convencionais**. No exemplo abaixo, se manifesta a variação referente ao uso de letras maiúsculas. A produção escrita em questão oferece um exemplo de como a escrita infantil mobiliza recursos gráficos para representar diferentes vozes e momentos de tensão dentro do texto narrativo. Neste texto, não há marcas formais de citação, como aspas ou travessões, para introduzir o DD. No entanto, é possível observar o trecho em destaque “uma pessoa **gritou SOCORRO**” a sinalização da presença de outra voz. Essa escolha, embora não convencional, segundo as convenções gramaticais normativas/prescritivas, sinaliza a presença do outro. Essa alternância, como nos exemplos anteriores, indica um processo de heterogeneidade mostrada, como define Authier-Revuz (2004):

FLP 27(1)

Figura 4 – Produção textual aluno D



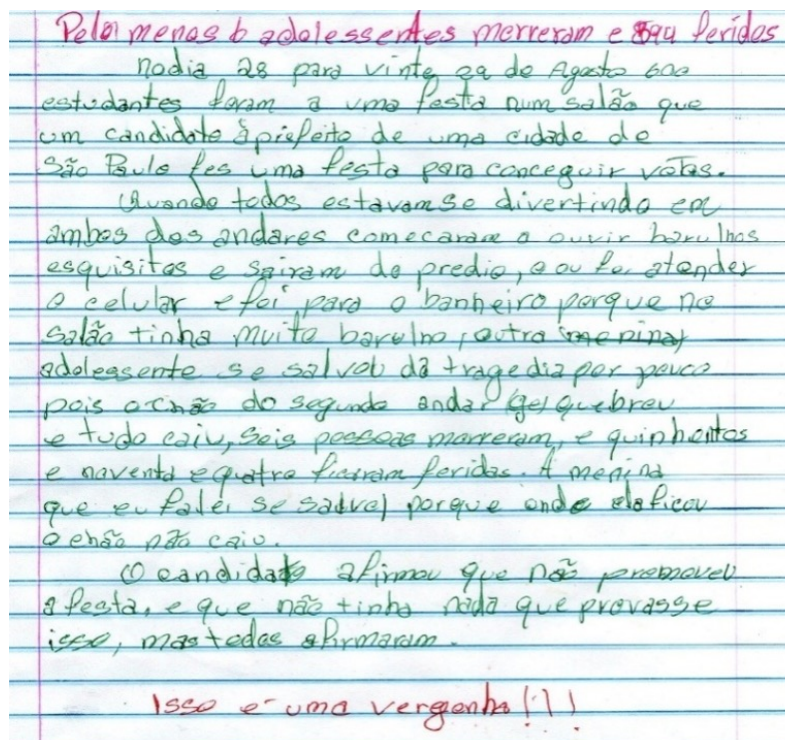
Fonte: Acervo de produções textuais dos Grupos de Pesquisa (CNPQ) “GPEL - Grupo de Estudos sobre a Linguagem” e “GPLEC - Grupo de Pesquisa Leitura e Escrita da Criança”.

O texto intitulado “A morte em família” narra uma situação ocorrida durante uma ceia de Natal, quando vários convidados aparecem mortos e uma noiva desaparece. A investigação mostra que a irmã do noivo é a responsável pelos crimes cometidos. Ao longo da narrativa, observa-se o uso de um recurso não convencional, no trecho “até que uma pessoa **gritou SOCORRO** ...”, em que o emprego de letras maiúsculas parece enfatizar um momento de tensão. Tal marcação mostra a tentativa de reproduzir uma fala com forte carga emocional, reforçando a presença de uma voz alheia à do narrador. Embora o texto apresente outras passagens em que outros dizeres poderiam ser marcados com o uso do DD, como em: “quando olharam viram que uma convidada estava morta...” que poderia ser transcrita como: “Ela está morta!”, essa não foi a escolha da criança.

O uso de letras maiúsculas na literatura infantil, com frequência, serve para expressar intensidade sonora, susto, surpresa ou urgência, em particular, em casos de gritos e onomatopeias; em ambientes digitais, como o *Whatsapp*, esse recurso cumpre, às vezes, papel semelhante, indicando entonações como raiva ou como ênfase. No caso em questão, o uso da caixa alta representa uma tentativa de mostrar a voz de um personagem, com a finalidade de destacar o momento de tensão da história.

Ainda considerando o funcionamento que nomeamos como ‘não convencional’, o próximo texto é estruturado como uma narrativa jornalística sobre um evento trágico envolvendo a morte de adolescentes em uma festa e representa o DD por meio da mudança da cor de caneta, da mudança de linha e da opção por uma diagramação centralizada:

Figura 5 – Produção textual aluno E



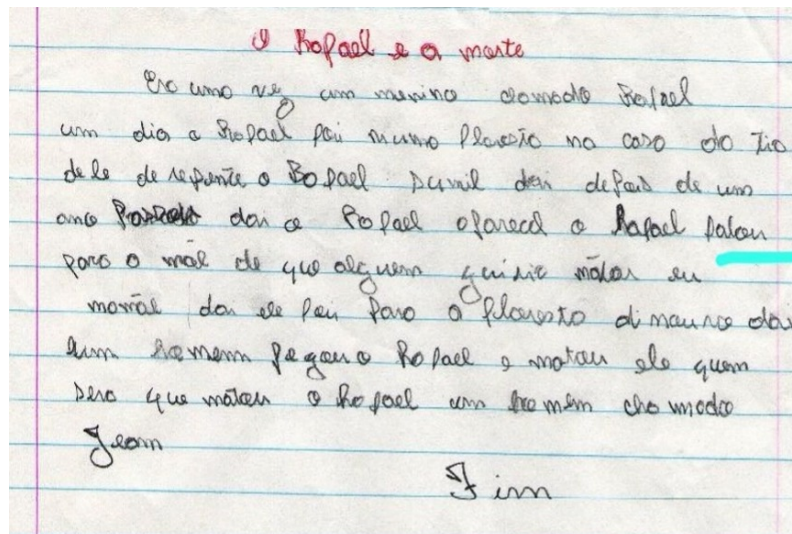
Fonte: Acervo de produções textuais dos Grupos de Pesquisa (CNPQ) “GPEL - Grupo de Estudos sobre a Linguagem” e “GPLEC - Grupo de Pesquisa Leitura e Escrita da Criança”.

O texto relata uma tragédia durante uma festa realizada por um candidato a prefeito em um salão, onde ocorre o desabamento do segundo andar de um prédio, causando a morte de algumas pessoas e ferindo outras. Uma adolescente conseguiu escapar “por pouco”, pois saiu do local momentos antes do acidente. O candidato negou sua participação na festa, apesar de muitos afirmarem o contrário. Ao analisar a narrativa, observa-se a presença de vozes alheias incorporadas ao enunciado, de forma indireta, como em “O candidato afirmou que não promoveu a festa e que não tinha nada que provasse isso, mas todos afirmaram”. No entanto, uma dessas vozes é apresentada no DD, destacada graficamente com o uso de cor diferente do restante do texto, pela mudança de linha e pela centralização espacial do texto (diagramação centralizada): “Isso é uma vergonha”. Esse dado indica uma possível manifestação de indignação do autor, marcada na voz do “todos”, diante da situação, por isso, o destaque desse trecho. Nesse exemplo, pontua-se a emergência de índices de heterogeneidade mostrada, por meio da inserção da presença de outra voz no corpo do texto, ainda que essa inserção não ocorra por meio dos recursos gráficos convencionais, aspas e travessão.

Por fim, apresentamos um último exemplo, ainda considerando o funcionamento que nomeamos como ‘não convencional’. Neste exemplo, o DD aparece, mas não há

nenhuma sinalização convencional da sua presença:

Figura 6 – Produção textual aluno E



Fonte: Acervo de produções textuais dos Grupos de Pesquisa (CNPQ) “GPPEL - Grupo de Estudos sobre a Linguagem” e “GPPEC - Grupo de Pesquisa Leitura e Escrita da Criança”.

O texto narra um acontecimento ocorrido com um menino chamado Rafael, que um dia desapareceu em uma floresta e, passado um ano, reapareceu, para, depois, ser morto por um homem chamado “Jeam”. Na narrativa, há alguns trechos que, embora não estejam sinalizados normativamente como DD, contém elementos que indiciam a sua presença, como em: (a) “(...) alguém queria matar eu mamãe” (Linhas 6 e 7); e (b) Quem será que matou o Rafael? Um homem chamado Jeam” (Linhas 8, 9 e 10). Em (a), é a presença do pronome de primeira pessoa “eu” e o vocativo “mamãe” que sinalizam a presença da voz do personagem Rafael. Em (b), por sua vez, a emergência do DD ocorre pela presença de uma pergunta, seguida de uma resposta. No primeiro caso, a ausência de pontuação e de outros elementos capazes de sinalizar, na escrita, a alternância de vozes, resultam, provavelmente, da associação feita pela criança entre a dimensão prosódica de seus enunciados falados e a (sua) escrita. O trecho de DD parece reproduzir uma prosódia ensaiada mentalmente (cf. Corrêa, 2004, p. 124). Trata-se, nesse sentido, de uma projeção de gestos articulatórios – a voz do personagem Rafael – no espaço gráfico do texto. No segundo, a criança lança mão de um modo de organização textual muito próximo da conversação entre pares: há, pois, a simulação de diálogo (do narrador consigo mesmo ou do narrador com um interlocutor imaginário) que indicia a presença do DD. Novamente, a ausência de pontuação e de outros elementos capazes de sinalizar de modo convencional, na escrita, a alternância de vozes parecem ter como ponto de partida uma associação feita pela criança entre a dimensão prosódica de seus enunciados falados e a (sua) escrita.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa de caráter exploratório, investigamos a emergência (ou não) do DD na escrita da criança, com foco na forma como são registrados, nessa escrita, o diálogo e as interações comunicativas entre os personagens da narrativa construída pelas crianças.

A análise foi orientada pelos estudos de Authier-Revuz (1990, 2004), que distingue entre a heterogeneidade mostrada e a constitutiva. No contexto da escrita infantil, como vimos, a heterogeneidade mostrada, quando envolve o DD, pode se manifestar de diferentes formas, desde o uso convencional de verbos *dicendi* e travessões, até soluções aqui consideradas mais criativas, como a mudança no tamanho das letras ou na disposição espacial do texto, ocorrências únicas, que se destacam por sua especificidade e sua singularidade e que, possivelmente, não se repetem em outros contextos. Essas formas mais singulares não devem ser vistas como falhas ou desvios, mas como expressões legítimas de um sujeito enunciador que se constitui em meio a uma pluralidade de vozes que atravessam toda produção de linguagem.

Como foi possível averiguar, por um lado, a presença de registros que seguem integralmente as convenções normativas mostra o quanto as regras formais são importantes como referência para a escrita da criança. Por outro lado, os usos não convencionais, como o uso de letras maiúsculas, cores diferentes ou marcas próprias, indicam que a escrita da criança também é afetada por outras práticas, oriundas da circulação da criança pela mídia, pelas vozes-dizeres dos adultos com quem convive, pela escola e outras práticas discursivas que permeiam o universo infantil.

Apesar das limitações decorrentes do *corpus* reduzido, esta pesquisa ofereceu dados relevantes para a compreensão da organização textual e dos recursos linguísticos mobilizados pelas crianças na construção de suas narrativas, sobretudo no que diz respeito ao DD. Os resultados obtidos sugerem a necessidade de investigações futuras que ampliem o escopo de análise, abrangendo um número maior de textos e um período mais extenso de escolarização. Estudos com *corpora* ampliados permitiriam verificar a permanência ou a transformação dos fenômenos observados ao longo da trajetória escolar, identificando possíveis recorrências ou variações significativas. Dessa forma, seria possível enriquecer as interpretações aqui formuladas, tanto do ponto de vista linguístico quanto pedagógico e ajudar a elucidar as complexas relações entre norma, criatividade e autoria que atravessam a escrita infantil.

FLP 27(1)

USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

As autoras declaram que não foi feito uso de IA na redação do texto.

Recebido em julho de 2025

Publicado em dezembro de 2025

REFERÊNCIAS

ABAURO, M. B. M.; FIAD, R. S.; MAYRINK-SABINSON, M. **Cenas de aquisição da escrita: o sujeito e o trabalho com o texto**. São Paulo: Mercado de Letras, 1997.

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). Tradução: Celene Cruz e João Wanderley Geraldi. **Caderno de Estudos Linguísticos**, Campinas, n. 19, p. 25-42. 1990. DOI: 10.20396/cel.v19i0.8636824.

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva:

elementos para uma abordagem do outro no discurso. *In*: AUTHIER-REVUZ, J. **Entre a opacidade e a transparência: um estudo enunciativo do sentido**. Porto Alegre: Edipucrs, 2004. p. 11-81.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem [1929]. Tradução notas e glossário: Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2018. 376 p.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BORGES GUTIERRE, M. M. Heterogenidade em narrativas escolares: sentidos que se constroem nas diferenças e nos *desvios*. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 49, n. 1, p. 7-29, 2005. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1368>. Acesso em: 18 jun. 2025.

CALIL E.; BORÉ, C. Formas do discurso reportado em narrativas ficcionais escritas por alunos brasileiros e franceses. **Debates em educação**, v. 5, n. 10, p. 135-149, 2014. DOI: 10.28998/2175-6600.2013v5n10p135

CAPRISTANO, C. C.; TICIANEL, G. F. Discurso direto e hipossegmentações na escrita infantil. **Filologia e Linguística Portuguesa**, v. 16, n. 1, p. 233-259, 2014. DOI: 10.11606/issn.2176-9419.v16i1p233-259

CORRÊA, M. L. G. **O modo heterogêneo de constituição da escrita**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FREUD, S. A negação. *In*: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Tradução: J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. 19, p. 235-239. (Obra original publicada em 1925).

GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

GINZBURG, C. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. *In*: GINZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 143-179.

LACAN, J. **Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise**. *In*: LACAN, J. **Escritos**. Tradução: V. Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 237-324. (Obra original publicada em 1966).

LOPES, L. P. da M. Pesquisa interpretativista em linguística aplicada: a linguagem como condição e solução. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/45412>. Acesso em: 18 jun. 2025.

METZ, M C.; CAPRISTANO, C. C. Formas de heterogeneidade mostrada não convencionais na constituição da escrita de estudantes universitários. **Cadernos CESPUC de pesquisa: ensaios**, Belo Horizonte, n. 39, p. 52-77, 2021. DOI: 10.5752/P.2358-3231.2021n39p52-77

TICIANEL, G. F. **Discurso direto e hipossegmentações na aquisição da escrita**. 2016. Dissertação. (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2016.

FLP 27(1)